



HEROÍNAS NEGRAS NO CORDEL: REPRESENTAÇÕES DA LUTA E DA RESISTÊNCIA FEMININA NO BRASIL PRÉ-ABOLICIONISTA

Aluna: Gabriela Alves Sousa Lopes
Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Suely Da Costa

Universidade Estadual da Paraíba
gaby_sophei@hotmail.com

RESUMO

Uma vez considerando que uma literatura não se faz isolada, mas dentro de um contexto de região e país, o que se pretende nesta proposta é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da pessoa negra em textos da literatura de cordel de autoria da cordelista Jarid Arraes. Para tanto, pretende-se destacar, desse universo, as produções literárias, que dão ênfase à biografia das heroínas negras brasileiras: Dandara dos Palmares, Luisa Mahin, Aqualtune, Tereza de Benguela e Tia Simoa, investigando as representações identitárias e de luta dessas heroínas negras no Brasil pré-abolicionista. A pesquisa buscará analisar por meio dos cordéis, de que forma essas mulheres negras lutaram e resistiram às formas de exploração, preconceito e discriminação e se tornaram protagonistas das suas histórias. A construção discursiva em função da concepção e reconhecimento das diversidades étnico-racial, com suas especificidades no processo de construção sociocultural do país, fará parte dessa dinâmica de análise.

Palavras-chave: Negras, Cordel, Resistência.

INTRODUÇÃO:

A representação da mulher negra na literatura brasileira quase sempre é carregada de erotismo e submissão, trazendo ou a figura da escrava ou da amante. Diante de tais estereótipos, se fez necessário uma intervenção, buscando a realidade e ressaltando a força da mulher negra, representando-as de forma positiva, trazendo as heroínas negras que fizeram parte da luta pela liberdade retratadas no cordel.

O que se pretende, mais especificamente, nesta investigação que ora se apresenta, é realizar um estudo dos processos de construção/reconstrução da representação de uma identidade positiva da mulher negra em textos da literatura cordel, que tende a assinalar a visão de uma identidade negra afirmativa, em textos da cordelista Jarid Arraes.

O viés desse artigo direciona-se, então, no sentido de verificar e identificar produções cujo discurso tenda a superar a velha cartilha do pensamento ocidental, que classificou os africanos como inferiores, incapazes e feios, enquanto ressaltava a inteligência, a beleza e a superioridade do



européu/branco. Assim, buscará analisar por meio dos cordéis, de que forma essas mulheres negras lutaram e resistiram às formas de exploração, preconceito e discriminação e se tornaram protagonistas das suas histórias.

Nesse sentido, serão analisados os cinco cordéis de Jarid Arraes, que abordam a biografia das heroínas negras no período da escravidão no Brasil, especificamente, *Dandara dos Palmares*, *Luiza Mahin*, *Aqualtune*, *Tereza de Benguela* e *Tia Simoa*.

A análise terá como principal objetivo comparar os modos de representação da mulher negra, tendo por foco o contexto estético, temático e social em que se insere o texto cordel em questão. Outro aspecto a ser averiguado é o de verificar em que sentido a produção literária em Cordel contribui para a reforçar fatores constitutivos da construção da identidade negra, promovendo práticas discursivas valorizadoras da pluralidade cultural, principalmente nas mulheres do Brasil Pré-abolicionista.

Dentre as muitas características atribuídas as mulheres negras na literatura, “Mulata” deve ser destacada. O termo é derivado da palavra “mula”, que é o nome dado a criatura infértil fruto de um erro da natureza, cria gerada entre um cavalo e uma jumenta. A mestiça leva esse nome por ser resultado de uma relação inter-racial. Assim é retratada a mulher negra miscigenada, como um ser sensual, sem pai nem mãe, nascida para o prazer, o pecado permitido. As “Mulatas”, que mesmo possuindo características afrodescendentes eram exaltadas pelo seu “branqueamento”, associando o negro ao feio e ao indesejável. Durante anos essa cultura foi reforçada através da literatura.

As pesquisas anteriores em relação ao assunto sobre a representação do negro ou da mulher negra na literatura de cordel ou na literatura brasileira, em sua quase totalidade, apresentam essas personagens de um modo pejorativo, negativo e estereotipado. Raras são as pesquisas que mostram o lado positivo e afirmativo do povo negro, principalmente da mulher. Por fim, pretende-se com esse artigo trazer à tona a força da mulher negra, usando como exemplo histórias reais de heroínas negras símbolo da resistência, na luta contra a escravidão e o preconceito.

Esse artigo cunho bibliográfico, foi baseado nos folhetos de cordéis de Jarid Arraes. Também foram consultados livros de autores brasileiros, artigos em revistas e na internet que abordam a temática da representação da mulher negra na literatura brasileira e na literatura de cordel, com o fim de abordar a temática da mulher negra no cordel do ponto de vista positivo, para que não venha a se repetir os mesmos estereótipos já desenvolvidos em outras pesquisas.

Os cordéis selecionados foram lidos e analisados buscando observar os pontos destacados, principalmente os versos\passagens que ilustram as discussões a respeito da literatura negra a partir



dos cordéis de Jarid Arraes. A princípio foi escolhida uma bibliografia cuja discussão contextual relacionava-se com o período histórico de cada figura feminina, ou heroína negra, além da análise teórica, referendando os sentidos indicados à luz de citações de alguns estudiosos conforme a temática da representação da heroína negra na literatura de cordel.

Este artigo elabora-se com a leitura dos estudiosos sobre a literatura com representação de personagens negras no Brasil, assim como de autores que escrevem sobre essa questão, desde a literatura negra no Brasil; as imagens do negro na literatura brasileira; a representação da mulata; o preconceito de cor na literatura de cordel, enfim, e de como essa representação procede nestes estudos: (BERND, 1988; BROOKSHAW, 1986; FRANÇA, 1998; QUEIROZ JUNIOR, 1975; MAXADO, 1994; MOURA, 1976; MUNANGA, 2003; REIS, 2003).

Ao analisarmos os cordéis: *Aqaltune*, *Dandara dos Palmares*, *Tereza de Benguela*, *Luisa Mahin e Tia Simoa*, de Jarid Arraes, encontramos as histórias de mulheres negras, personagens reais, que viveram no período Pré-abolição. Muitas semelhanças entre elas puderam ser encontradas, no entanto, o que mais se destacou foi como essas mulheres não aceitaram o destino que lhes foi imposto e lutaram por sua liberdade. Outro ponto comum entre elas é a falta de reconhecimento, uma vez que o papel de destaque em geral é masculino. Mas mesmo ofuscadas pelo racismo e pelo machismo, essas heroínas ganham destaque através da literatura de cordel, literatura popular nordestina em forma de verso, afim de torna as histórias dessas mulheres conhecidas por todos:

Uma história como a dela
Deveria ser contada
Em todo livro escolar
Deveria ser lembrada
No teatro e no cinema
Que ela fosse retratada.

(ARRAES, *Aqaltune*, 2015, p. 7)

Aqaltune, foi uma Princesa guerreira, filha do rei do Congo, que liderou um exército de 10.000 homens em batalha. Foi derrotada, capturada e vendida como escrava reprodutora. *Aqaltune* ouviu falar de Palmares e mesmo reduzida a essa triste função, a Princesa guerreira não perdeu sua coragem, e mesmo em estado de gravidez avançada não pensou duas vezes e fugiu, liderando um grupo de 200 pessoas para a liberdade. Chegando em Palmares foi reconhecida como da Realeza e tornou-se líder do Quilombo. Foi mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares. Mulher de relevância, guerreira hábil, reconhecida por sua gente mesmo depois de sua



morte. E sua prole de sangue forte perpetuou sua luta:

Quando penso em Aqualtune
Sinto esse encorajamento
A vontade de enfrentar
De mudar nesse momento
Tudo aquilo que é racismo
E plantar conhecimento.

(ARRAES, *Aqualtune*, 2015, p. 8)

Dandara dos Palmares era esposa de Zumbi, ninguém sabe onde ou quando ela nasceu. Sabemos que a sua história começa com sua luta pela liberdade, luta em que ela deu tudo de si. Não era dada a tarefas domésticas, preferia a guerra. Era capoeirista e sabia usar armas, liderava batalhas sem aceitar acordos ou rendição. Foi no Recife que Dandara encontrou seu fim, quando tentou tomar a cidade e foi derrotada. Ela poderia ter se rendido, mas a mulher de coragem jogou-se de uma pedreira, preferindo a morte à escravidão. Tornou-se mais que um exemplo, uma Mártir da Resistência.

Liderança feminina
Forte com convicção
Ela jamais aprovou
Tratado de rendição[...]

(ARRAES, *Dandara dos Palmares*, 2015, p. 2)

Dandara também se consagrou como uma mãe, não somente de seus três filhos com Zumbi, mas como mãe simbólica do povo do Quilombo de Palmares. Além de lutar, Dandara participava de atividades cotidianas em Palmares, principalmente a caça e a agricultura. No quilombo existiam outras práticas de agricultura, essencialmente a policultura de alimentos como milho, mandioca, feijão, batata doce, cana de açúcar e banana. Outra arte que era do conhecimento dos moradores do Quilombo consistia na metalurgia, na qual fabricavam utensílios para a agricultura e a guerra.

Com a organização do quilombo, e a resistência formada pelos negros, os ataques a Palmares teriam se tornado frequentes a partir de 1630, com a invasão holandesa. Segundo a narrativa em torno de Dandara, a guerreira teria sido fundamental na separação do marido com seu antecessor, Ganga-Zumba, que foi o primeiro grande chefe do Quilombo Palmares, além de tio de



Zumbi. Em 1678, Ganga-Zumba teria assinado um tratado de paz com o governador do Pernambuco, que permitia as autoridades libertarem negros do Quilombo de Palmares que teriam sido aprisionados em confrontos. Aliado a isso, também ficava registrada a liberdade dos negros nascidos em Palmares, além de permissão para realizar comércio. Não há nada de errado com esse documento assinado por Ganga-Zumba, exceto por ter concordado que os habitantes do quilombo deveriam entregar escravos fugitivos que fossem buscar proteção e abrigo em Palmares. Nesse contexto, Dandara convence Zumbi a não dar continuidade a esse tipo de acordo, pois compreendia que esse processo não traria o fim da escravidão, e sim a manutenção de um poder oligárquico sobre eles. Ganga-Zumba foi assassinado por um dos negros contrários à sua proposta.

O nome de Dandara se faz presente no verbete da *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, do pesquisador da cultura afro-brasileira, Nei Lopes, que define da seguinte forma a personalidade da guerreira Dandara: “Personagem lendária da história de Palmares. Celebrada como a grande liderança feminina da epopeia quilombola, teria morrido quando da destruição de Macaco (nome do principal quilombo Palmarino)”. (LOPES, 2004).

No Estado do Mato Grosso havia um grande Quilombo chamado Quariterê. Era liderado por Tereza de Benguela e por seu marido João Piolho. Quando João morreu, Tereza sozinha tornou-se rainha do quilombo, auxiliada por um conselheiro e um parlamento. Era um Quilombo rico, cultivavam feijão, milho, algodão e banana, para o consumo e a comercialização. Tinham também forjas, onde as correntes de sua escravidão tornavam-se armas da resistência. Em 1770 o quilombo Quariterê foi atacado e cerca de 100 pessoas foram assassinadas. Tereza foi presa, adoeceu, e morreu alguns dias depois. Como tentativa de enfraquecer a revolução, Tereza teve sua cabeça cortada e exposta como um prêmio. Mas o único exemplo que ela deixou foi a força da mulher:

Que seus feitos importantes
Não mais sejam esquecidos
Que o racismo asqueroso
Não lhes deixe escondidos
Pois são para o povo negro
Exemplos fortalecidos.

(ARRAES, *Tereza de Benguela*, 2015, p.7)



Tereza de Benguela personificou a figura da mulher negra transformando-se em símbolo de liderança, força e luta pela liberdade. A sua história de vida teve uma divulgação acanhada, sem muitos detalhes, porém, o que ela conseguiu desenvolver em termos de conquistas de liberdade para seu povo, ficou reconhecido por uma boa parte da população. Nesse contexto, Tereza representa um ícone da resistência negra no Brasil Colonial, uma vez que a sua trajetória de vida está ligada ao século XVIII, quando Vila Bela da Santíssima Trindade constituiu-se como a primeira capital de Mato Grosso.

“Rainha Tereza”, como era conhecida em seu tempo, permaneceu na região do Vale do Guaporé, durante um determinado período, somente após a morte do marido, passou a liderar a comunidade, resistindo bravamente à escravidão por mais de 20 anos. Durante esse período, Tereza conseguiu equilibrar a estrutura política, econômica e administrativa da comunidade, enfrentando diversas batidas da Coroa Portuguesa. Tereza de Benguela sobreviveu até meados da década de 1770, quando o quilombo foi destruído pelo governador da capitania que comandava nessa época. Após quase 250 anos, o reconhecimento em torno da bravura de Tereza de Benguela começa a aparecer. Uma lei aprovada em 2014 instituiu 25 de julho como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, na região de Mato Grosso.

Tia Simoa foi uma escrava liberta que viveu no Ceará. Foi a esposa de José Luiz Napoleão, famoso líder da “greve dos jangadeiros”. A greve começou quando os jangadeiros, recusaram-se transportar os escravos dos navios negreiros até o porto de Fortaleza. O que a história esqueceu foi de Tia Simoa, que nem consta no relato oficial. Mas ela estava lá e participou ativamente, liderando ao lado do marido. Assim como Dandara, pelo machismo Simoa foi ofuscada, mas nada poderá apagar sua força e vontade de lutar perante a injustiça:

Essa história é conhecida
Mas esconde a personagem
A mulher fortalecida
Que nos é a forte imagem
Feminina a negritude
Rica força de atitude
Coroadada com coragem.

(ARRAES, *Tia Simoa*, 2015, p. 2)

Luísa Mahin nasceu no século XIX na Costa da Mina, onde ela dizia ser princesa. Foi



vendida como escrava, mas em 1882 foi alforriada e passou a sobreviver do trabalho de quituteira, função que a ajudou na revolução de Malês. Ela enrolava seus quitutes em mensagens escritas em Árabe e espalhava entre os envolvidos. Quando sua artimanha foi descoberta durante a chamada revolta Sabinada, não se sabe ao certo que aconteceu com Luísa, mas a sua inteligência e coragem garantiram lugar de destaque entre a resistência. A imagem da quitandeira, vendedeira ou ganhadeira, ocupações comuns na fotografia colonial, encontra em Kehinde /Luísa tematizada no cordel de Arraes, o traço da mulher batalhadora que, além da liberdade busca também uma forma de se ajudar e auxiliar na alforria de outros negros. Isto significa que Luiza Mahin não preocupava-se apenas com ela, mas também com a causa da libertação de seu povo. Nesse sentido, a união entre todos concretizava-se em algo imprescindível, em que formava uma bem estruturada comunidade negra, que contrapõe-se ao projeto escravista alforrias e pela obcecada dominação cultural.

Mãe do poeta abolicionista Luís Gama, e o que ele escreveu sobre ela também é citado no cordel:

Luís da Gama que escreveu
Sobre ela registrou
Era magra e muito bela
Dentes alvos como neve
De um gênio vingador.

(ARRAES, *Luísa Mahin*, 2015, p. 4)

Os cordéis citados trazem uma nova representação da mulher negra na literatura. O ponto positivo dos cordéis é a persistência de uma representação da negra de modo afirmativo, de identidade de guerreira, afirmativa, sem estereótipos negativos tão repetitivos em outros cordéis. O modo como as pessoas negras são retratadas nesta literatura remonta aos mais estereótipos criados desde o período colonial. O significado positivo dentro de uma estrutura que apresenta o povo negro de modo afirmativo, ganhou força com a aprovação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que enveredavam seus objetivos à aplicabilidade de buscar por destruir uma autoimagem negativa da pessoa negra, e fomentar essas imagens positivas, pois, somente assim, é possível uma tomada de consciência dessas mulheres que se aglutinam em movimentos negros e passam a expressarem sua própria arte. São nesses cordéis que as suas dores, lutas, anseios, história e memória são retratados. A mulher negra com capacidade de se mostrar, agora por suas capacidade e sentidos. A necessidade



de acabar com as discriminações e estereótipos literária a ela atribuídas, fica comprovada nas várias mulheres heroínas dos cordéis de Jarid Arraes.

Segundo Maxado (1994), o fato de que na literatura de cordel ter muito preconceito sobre o negro, ocorre principalmente pela própria influência dos escritores brasileiros, principalmente daqueles que apresentaram um Nordeste sofrido, de seca, e de população miserável. Para o autor, “Há sempre preconceito contra o negro. Entretanto, hoje muitos autores procuram mostrar o negro sobre outro ângulo. Há também mitos negros, que são mais conscientes, contribuindo para a mudança do estereótipo”. (MAXADO, 1994, p. 93). Essa mudança do estereótipo pode ser verificada na construção dos cordéis escritos por Jarid Arraes. Ao comparar com outros cordéis escritos apenas com a intenção de reforçar as representações negativas e inferiorizadas dos negros, como as imagens do negro na literatura brasileira (FRANÇA, 1988); a forma como o preconceito em relação à mulata é repetitiva nas obras da literatura brasileira (QUEIROZ JÚNIOR, 1988), e o preconceito de cor na literatura de cordel desenvolvido por Moura (1976), o estudo que ainda procura trazer alguns aspectos diferentes dos que habitualmente usado é O negro na literatura de cordel, de Franklin Machado (1994).

Repetidas imagens projetadas da mulher negra na literatura brasileira, em sua maioria, foram baseadas nas ideologias racistas e sexistas e, principalmente, com base em seu passado escravo. Essas mulheres eram vistas a partir das seguintes representações: “[...] coisa, pau pra toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque, além de escrava, é mulher. Evidentemente, esta maneira de viver a chamada “condição feminina” não se dá fora da condição de classe... e mesmo de cor (GIACOMINI, 1988, p. 87-88).

A partir do que pode ser analisado e construído nos cordéis da referida pesquisa, observou-se, até o presente momento, um conjunto de representações socioculturais positivas em relação às mulheres negras, que aqui são apresentadas como heroínas. Dessa forma, até onde foi analisado, os traços negativos e os estereótipos que permeiam grande parte dos cordéis publicados no Brasil, especialmente no Nordeste, não foram reproduzidos.

No que diz respeito às mulheres negras nos cordéis de Jarid Arraes, as atribuições sociais estão focadas em mostrar apenas os aspectos heroicos e afirmativos dessas mulheres, que conseguiram enfrentar as adversidades com coragem e determinação. O que nos leva a uma pergunta, O fato dessas heroínas não serem destacadas, ou ao menos citadas é um meio de



enfraquecer a autoestima da mulher negra e ocultar a sua força, impedindo que ela encontre a sua heroína interior? Escondendo os grandes exemplos dessas mulheres, referências ancestrais em quem elas poderiam se inspirar e seguir seu exemplo de resistência?

Assim, o lugar demarcado para a mulher negra em uma literatura sempre carregada de negativismo e inferioridade dar lugar para a representação da cidadania e do respeito que se deve ter pelas pessoas, independente de sua etnia ou condição social. Dessa forma, apenas a relevância de mostrar essa visão de identidade afirmativa, a qual foram vistas em poucos estudos, conforme se demonstrou mediante o decorrer dessa pesquisa, a mulher negra representada na literatura de cordel de Jarid Arraes, somente revela uma nova visão da mulher negra e sua coragem no período pré-abolicionista no Brasil.

Pelo fato de vários estudantes não terem tido acesso às histórias dessas mulheres negras, heroínas aqui representadas, apenas revelam as consequências desse desconhecimento como algo preocupante. Isso ocorre, principalmente, por não entendermos que seria possível que mulheres negras fossem capazes de tantas conquistas relevantes ou que participaram de batalhas grandiosas, com bravura e coragem, principalmente em guerras contra a escravidão. O desprezo por essas histórias, também reforçadas pelos livros didáticos, que nunca colocaram a ideia de que essas mulheres negras fizeram algo grandioso e relevante para seu povo e o seu país, parece apagar o que de fato ocorreu, e de como fatores positivos e afirmativos sobre a experiência e vivência do povo negro foram necessários para a visibilidade e confiabilidade dessas pessoas. No entanto, acreditamos que a preocupação de muitas pessoas ao associar a bravura, a inteligência e a estratégia de inteligência somente a figuras masculinas, sobretudo aos homens brancos e ricos, que são necessariamente mais citados e proclamados nos livros didáticos.

Finalmente, com essa ausência de referências às mulheres negras, seja na literatura ou em outras artes, o preconceito e o racismo continuam sendo perpetuados. Porém, torna-se importante os estudos sobre essas mulheres negras no Brasil, até como tentativa de incentivar outros pesquisadores a saberem mais informações sobre as suas histórias, e até mesmo nos apresentar outras figuras representativas do universo feminino, e que tanto contribuíram para tornar o Brasil mais justo e igual. A luta contra as desigualdades sociais, as injustiças, além da discriminação e preconceito em torno das mulheres negras precisa ser constantemente combatida. Para isso, torna-se imprescindível que essas histórias dentro e fora da literatura sejam repassadas, ampliadas e problematizadas.



REFERÊNCIAS:

ARRAES, Jarid. *Aqualtune*. São Paulo, 2014.

ARRAES, Jarid. *Dandara dos Palmares*, São Paulo, 2014.

ARRAES, Jarid. *Tereza de Benguela*, São Paulo, 2014.

ARRAES, Jarid. *Luisa Mahin*, São Paulo, 2014.

ARRAES, Jarid. *Tia Simoa*, São Paulo, 2014

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. 1975. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MAXADO, Franklin. *O negro na literatura de Cordel*. Feira de Santana. Revista Sitientibus, n. 12, p. 93-100, 1994.

MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel: tentativa de análise sociológica*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.

MUNANGA, Kabengele. *Cem anos e mais de Bibliografia sobre o negro no Brasil*. São Paulo: USP; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Minas Gerais: Terra roxa e outras terras-Revista de Estudos Literários, 2009.

AZEVEDO, Aluísio, *O cortiço*, Rio de Janeiro: Americana, 1973.

BARRETO, Afonso Henrique de Lima, Clara dos Anjos, Rio de Janeiro: Editora Ática, 1988.